

intellectum, esta não pode fazer uso de uma razão intemporal, antes carece de «insistir no primado de uma razão dotada de memória, de uma razão memorial» (p. 202). Ela tem, por isso, de ir além da razão herdada das Luzes, que é uma razão sem memória e que, como tal, evita encontrar-se com uma história real, a qual está, em boa parte, tecida de sofrimentos.

Um dos parágrafos retoma a questão da helenização do cristianismo, nos primeiros séculos da sua história, e, com isso, a helenização do espírito europeu, uma helenização que as Luzes reforçaram, não só em detrimento da componente cristã daquele espírito mas também em esquecimento das raízes bíblico-judaicas, veterotestamentárias, do cristianismo e, com ele, da Europa. Metz chama a atenção para o decisivo contributo daquelas raízes na introdução de uma visão do tempo como finito, em diferença do eterno retorno dos gregos, instaurando com isso o cultivo de uma razão memorial. Esta «cultura memorial» passou ao cristianismo, uma religião que é mesmo, em sua essência, *memória*, traduzida no seu culto como «comemoração cultural» (p. 223).

Nas últimas considerações, Metz, assume que estes caminhos novos para a teologia na base de uma razão memorial, implicam que ela precisa, em consequência, de pôr a tónica numa teologia política, no sentido de com atenção à vida real (da *polis* ou da cidade dos homens). Como implicam uma especial atenção à expressão narrativa do mistério – para além da simplesmente abstracta e intemporal – e também ao pluralismo cultural – ultrapassando uma teologia eurocêntrica, com pretensão a ser única e universal, já que são múltiplas as «narrativas» em que o mistério cristão anda dito e nas quais se velam e se desvelam as suas riquezas inesgotáveis.

JORGE COUTINHO

VANNIER, Marie-Anne (dir.), **La Trinité chez Eckhart et Nicolas de Cues**, coll. «Patrimoines» – Christianisme», Les Éditions du Cerf (www.editions-ducerf.fr), Paris, 2009, 200 p., 235 x 145, ISBN 978-2-204-08902-9.

Esta colectânea de estudos, sob a direcção da conhecida patróloga Marie-Anne Vannier, parte da consciência de que, como escreveu Bruno Forte, «toda e existência cristã está invadida pelo mistério trinitário, não somente no plano pessoal, mas também no da vida eclesial e social», tendo-se a sua ausência reflectido no «visibilismo» e no juridismo frequentemente presentes na concepção e na vida da Igreja (cf. p. 11). Ela resultou de um projecto de investigação teológica em que se deram as mãos um conjunto de especialistas e duas instituições universitárias: o Institut für Cusanus Forschung de Tréveris e a equipa de investigação sobre os místicos renanos da Universidade Paul-Verlaine de Metz. Dentro do mesmo plano global de investigação, saíram já, nas Éditions du Cerf, *La naissance de Dieu dans l'âme chez Eckhart et Nicolas de Cues* (2006) e *La prédication et l'Église chez Eckhart et Nicolas de Cues* (2008).

M.-A. Vannier desenvolve o tema «A teologia trinitária como fecho de abóbada da obra de Eckhart»; Jean Devriendt, analisa a Trindade nos *Sermões latinos* II e IV de Eckhart, com uma tradução original dos Sermões em anexo; Maxime Mauriège estuda, no mesmo místico, a Trindade e a auto-intelecção de Deus; Isabelle Raviolo versa o tema «O Incriado e a Trindade em Eckhart»; Yves Meessen põe em destaque que, sendo um dialéctico, a dialéctica de Eckhart não é a de Hegel, mas a da *kénosis* da Encarnação, em que «Deus se faz homem para que o homem participe na vida de Deus»; Monique Gruber analisa

imagens da Trindade em Henrique Suso; Walter Andrea Euler apresenta o *De visione Dei* de N. de Cusa como pedra angular da sua compreensão da Trindade; Harald Schwaetzer debruça-se sobre a Trindade como o «*Non aliud*», comentando a fórmula cusana «*Non aliud est non aliud quam non aliud*»; Klaus Reinhardt escreve sobre o Espírito Santo como cumprimento da Trindade, em N. de Cusa; Cecília Rusconi – conjugando termos como: Unidade, Igualdade e Conexão; multiplicidade, grandeza e composição – aborda o tema cusano da Trindade do conceito na razão humana; finalmente, Elena Filippi procede a uma análise da iconografia da Trindade na obra de N. de Cusa, no quadro do programa iconográfico da igreja de Santa Catarina Juliana de Vigo di Fassa.

RAUL AMADO

CABRIA ORTEGA, José Luis, **Dios, palabra, realidad. Filosofía y teología al encuentro**, col. Estudio General, Tenerife / Las Palmas: Ed. Idea, 2008, 375 pp.

Estamos perante um conjunto de estudos de longo alcance e fortemente especializados. De facto, o volume pretende explorar praticamente todos os aspectos da relação entre teologia e filosofia, duas das «ciências» mais antigas da humanidade. Dada a complexidade do assunto, o autor optou por abordá-lo numa espécie de «variações» sobre o mesmo tema. Nesse conjunto de variações acaba por nos oferecer um dos casos mais completos de reflexão teórica sobre a relação em causa.

O próprio título indica, por seu turno, uma opção de definição: no conceito de Deus concentram-se tanto teologia como filosofia. A primeira aborda-o na perspectiva da palavra, que revela e que

responde, na fé; a segunda aborda-o na perspectiva da reflexão sobre a realidade. Sendo especialista em Zubiri, o teólogo de Burgos não esconde, aqui, a influência da noção de filosofia própria ao grande filósofo espanhol.

Após uma introdução que pretende clarificar alguns possíveis equívocos, o volume inicia com um importante capítulo sobre os conceitos de ciência, filosofia e teologia, apontando já uma primeira fenomenologia das possíveis relações mútuas. Propõe-se a superação de modelos de perspectivismo ou separatismo absoluto, assim como de hierarquização recíproca, apontando caminhos de possível bilateralidade (aqui explorados, sobretudo, na relação da ciência com a filosofia e com a teologia). Mas o caminho superior deverá ser o da transdisciplinaridade, em que se atinge uma espécie de saber dos saberes, no cruzamento das diversas abordagens. Este primeiro capítulo concentra-se essencialmente, na questão epistemológica da dimensão científica do saber. Toca, por isso, na questão da cientificidade da teologia e da filosofia, embora o autor prefira situar a relação entre ciência, filosofia e teologia ao nível da relação de saberes, de modos de compreender o mundo, e não de relação entre ciências diferentes.

Após este primeiro contacto com o tema, numa perspectiva tripartida, o autor avança, numa segunda variação, para a relação específica entre filosofia e teologia. Para isso assume, claramente, a perspectiva do teólogo e opta por abordar a questão nesse sentido. Todo o capítulo se dedica, pois, à definição e à compreensão diversificada da própria teologia. A partir desta é que vai mostrando e demonstrando em que medida se estabelecem pontes necessárias com a filosofia. A primeira surge logo da compreensão da teologia como *intellectus fidei* e, portanto, da sua função *pro*